
O amor ao próximo durante a pandemia: uma reflexão pertinente às Relações Internacionais

por **Lenio Carneiro Jr.**

Trazer as preocupações afetivas para uma análise do internacional é, antes de tudo, abrir os olhos para a urgência e insurgência do que escapa a ordem padrão racionalizada das Relações Internacionais. É também contribuir para a virada emocional que ocorre no campo teórico:

“Pensar nas emoções nas interações internacionais pode fornecer insights sobre todos os tipos de comportamento internacional. [...] Abordagens teóricas bem estabelecidas, como realismo e construtivismo, podem discorrer sobre as emoções e estados emocionais, assim como as literaturas mais recentes sobre discurso, memória e imagem. Nós só precisamos ser rigorosos no desenvolvimento das nossas teorias e modelos, e cuidadosos no rastreamento de provas empíricas. Além disso, as emoções devem ser tão "normais" no estudo das RI como qualquer outro elemento ou variável. O que é animador é que elas têm se tornado cada vez mais.”
(SASLEY, 2013, tradução do autor)

7 Estas medidas de ilustração podem ser ilustradas no site da PAHO (Pan American Health Organization).

Durante a pandemia, a responsabilização do indivíduo perante o surto epidêmico global construiu-se enquanto discurso, ou seja: a narrativa política dos Estados, organizações internacionais, movimentos sociais, figuras políticas e “influenciadores” na mídia e nas redes sociais convergiram na tentativa de mobilizar a sociedade mundial a tomar medidas de segurança. Resumidamente, o esforço coletivo traduziu-se nos seguintes imperativos destinados a cada um de nós: higienize-se, use máscara, mantenha uma distância segura de outras pessoas, mantenha espaços bem ventilados e vacine-se na sua vez⁷.

Em contrapartida, não foi por entrelinhas que o discurso contrário às medidas de segurança emergiu. Em alto e bom tom, figuras políticas conservadoras como o presidente brasileiro Jair Bolsonaro assumiram orgulhosamente rebeldia frente às medidas protetivas. Em uma de suas frases mais marcantes em março de 2020, o mandatário disse que “Vamos ter que enfrentá-lo [o vírus], mas enfrentar como homem, porra, não como um moleque. Vamos enfrentar o vírus com a realidade. É a vida. Todos nós iremos morrer um dia”. (TAJRA, 2020) Metaforicamente, “enfrentar como homem” é o que os homens fazem em guerras sem sentido: expõem o peito à morte em vez de valorizarem a vida.

Após dois anos do surto da Covid-19, nota-se o amplo desenvolvimento de pesquisas e análises em torno do negacionismo, do populismo, da manipulação de informação, das fake news e da conduta e gerenciamento da crise. Todavia, nesta análise, a intenção é retroceder o objeto de estudo para o indivíduo, especificamente o sob influência do pensamento ocidental hegemônico e do sistema capitalista neoliberal. Afinal, foi esse mesmo indivíduo que, no Brasil, foi preterido: enquanto sofria as consequências de uma agenda política ancorada no mote “o país não pode parar”, foi responsabilizado perante os meios de comunicação e os espaços de interação virtual como principal definidor do desenrolar da pandemia.

Uma das principais características do sistema socioeconômico vigente é a abundância de escolhas, o que se traduz na diversificação e na maximização de possibilidades de prazer para os indivíduos. A violência neuronal, desenvolvida por Byung-Chul Han (2017) dentro do argumento da sociedade do cansaço, é parte da construção subjetiva inerente ao sistema, em que a pressão sobre a individualidade livre nos coloca em constante estresse, crise e colapso por não podermos falhar ou parar. Enquanto seres alocados em um ciclo produtivo hiper acelerado, a pandemia forçou as engrenagens do mundo globalizado a frearem por um instante. Da mesma forma, forçou os indivíduos a reduzirem suas opções de lazer e satisfação; e as instituições, o mercado, e até mesmo as manifestações socioculturais a se adequarem à crise de saúde global até o estágio atual de “novo normal”.

A nível individual, reagir também foi obrigatório. Não agir, abster-se desta preocupação ou ignorar a problemática, dado a gravidade da efemeridade viral, significava - e ainda significa - abster-se do autocuidado, da prevenção e também da própria saúde. Logo, abster é, por si só, uma forma de reação. A liberdade inalienável, cunhada por muitos na recusa ao uso de máscaras, por exemplo, é uma via de mão dupla: ao mesmo tempo em que há a proclamação do direito de ir e vir, há o desleixo pelo direito à vida. A solidariedade e o zelo coletivo tiveram papel importantíssimo na manutenção ou não das políticas públicas de enfrentamento à pandemia. Os sentimentos não podem, portanto, serem ignorados durante todo esse processo, pois são elementais na base da estrutura de enfrentamento ao coronavírus, como é o caso da empatia no uso de máscaras e distanciamento social (PFATTHEICHER, 2020).

Algumas destas emoções podem ser exploradas, como por exemplo impotência, ansiedade e medo (KINNVALL; MITZEN, 2020). Durante os momentos mais críticos da pandemia, os que se isolaram corretamente precisavam constantemente assistir notícias divulgando aglomerações clandestinas e postagens em redes sociais de pessoas que optaram por ignorar a realidade para satisfazerem seus desejos. O debate sobre “cancelamento” e perdão permeou os espaços físicos e virtuais. Quem merece perdão? E quem não merece?

Mais latente que a repulsa, houve acolhimento, afetuosidade e cumplicidade. O amor ao próximo foi amplamente cultuado e colocado como parte da responsabilidade de cada um. O cuidado se transforma e se consolida como uma poderosa ferramenta sociopolítica para a superação da crise global. Neste ponto, cabe ressaltar que dentro da virada afetiva (CLOUGH, 2020), há o esforço decolonial em repensar científica e academicamente o amor. Véronique Pin-Fat conclui em seu artigo “*What’s love got to do with it? Ethics, emotions, and encounter in International Relations*” (2018), que:

“O amor envolve o reconhecimento [acknowledgement] da realidade do outro. Um amor assim excede e não pode ser reduzido a amar os outros apenas de forma que o que é soberano reconhece. Como prática disciplinar das RI, reconhecer ao invés de evitar o amor implica também assumir a responsabilidade pelo risco de cumplicidade de um no ‘aniquilamento do outro’. Então, o que o amor tem a ver com isso? O amor como reconhecimento da realidade alheia resiste à exigência de reduzir o amor ao que pode ser conhecido e provado. Se recusa a limitar o amor apenas àquelas pessoas que o poder soberano pode reconhecer como amáveis.” (PIN-FAT, 2018, p. 199-200, grifo e tradução do autor)

Nesse sentido, o Eu, o Outro e a relação estabelecida entre estes dois universos diz respeito ao conceito de alteridade, sendo crucial compreendê-lo como uma ponte interdisciplinar entre as ciências humanas que não remete apenas à diferença, mas também à identidade. O progresso social depende da forma pela qual se interpreta a ideia de alteridade, logo, pela maneira como se lida com o outro (ALMEIDA, 2007).

Ao interpretar o que Pin-Fat coloca como “assumir responsabilidade pelo risco de cumplicidade de um no aniquilamento do outro”, a pandemia mostra como o amor não pode ser desconsiderado ao buscar entender as movimentações sociais ocorridas. Ficar em casa por obrigação, por mais angustiante que seja, é um ato de amor ao próximo. É também um ato político, um ato de responsabilidade social. Uma vez que a taxa de distanciamento e isolamento social se provaram variáveis cruciais para

o número de óbitos, e isolar-se é responsabilizar-se pelo outro, o amor é de fato fundamental para compreender os impactos pandêmicos no antropoceno, e vice-versa.

Especialmente nos momentos mais críticos da pandemia, o ato aparentemente simples de se isolar é, em outra instância, um ato de rebeldia contra o capitalismo global. O pesquisador Samo Tomšič é catalogado como uma das principais referências para pensar afetos, emoções e abordagens psicanalíticas nas Relações Internacionais (COELHO, 2019) e diz em entrevista que o capitalismo “explora a doença e, em última análise, quer que adoeçamos, ao mesmo tempo que nos bombardeia com ficções de normalidade, sendo o homo oeconomicus apenas uma ficção do que a “subjetividade normal” deve ser.” (SCHEP; TOMSIC, 2017). O indivíduo em situação pandêmica, inserido no capitalismo, é portanto exposto à ideia de que é preciso fazer uma escolha entre trabalhar e ficar em casa; entre a economia e as medidas de proteção; entre o sistema e a vida.

Tomšič (IRI/PUC-RIO, 2021), durante sua fala em um seminário sobre a vida psíquica da política internacional no Rio de Janeiro, explana sobre a construção da ideia de que o fim do mundo e o fim do capitalismo são indissociáveis. Ou seja, tão catastrófico quanto acabar o mundo é acabar o capitalismo – processo denominado self-naturalization do sistema capitalista. Baseando-se em Lacan, afirma ainda que o colapso climático é uma resposta do real à fantasia econômica de desenvolvimento e de crescimento constante, pilar do capitalismo selvagem global. O colapso pandêmico, portanto, não deixa de ser também uma resposta do real a esta mesma fantasia.

Em seu escasso leque de reação, o indivíduo fica à mercê do que o líder indígena Ailton Krenak, em “A vida não é útil” (2020), chama de esperança placebo. Esta seria um dispositivo parte do capitalismo neoliberal que não permite nenhum sentimento de revolta, podando ímpetus que não se enquadrem no sistema. Ainda que os indivíduos possuam esperança, as possibilidades de resolução de problema ficam condicionadas ao que o neoliberalismo enxergue como possibilidade válida.

Sofrendo de diversas pressões psíquicas causadas pela pandemia e nutrido por uma falsa esperança, o indivíduo, então, reage como pode às responsabilidades que lhe são sistematicamente atribuídas. Nesta tentativa de reação, muitos adoecem. Com base na coleta de dados brasileiros até março de 2022, com dois anos de pandemia, mais de 29 milhões de casos acumulados de Covid-19 foram confirmados. Mais de 650 mil pessoas morreram (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2022). Em abril de 2021, atesta-se piora na saúde mental de 53% dos brasileiros (COVID..., 2021). Se a ciência não se preocupar também com estes indivíduos, suas emoções e seus desejos ao analisar a conjuntura política após dois anos de pandemia, teremos falhado no verdadeiro aprendizado como sociedade.

Referências

ALMEIDA, S. R. G. Pensando o conceito de alteridade hoje. **Aletria: Revista de Estudos de Literatura**, [S. l.], v. 16, n. 2, p. 12–19, 2007.

COVID: saúde mental piorou para 53% dos brasileiros sob pandemia, aponta pesquisa. **BBC News**. 14 de abril de 2021. Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/geral-56726583>. Acesso em: 25 de abril de 2022.

COELHO, N. S. **Afetos, emoções e abordagens psicanalíticas nas Relações Internacionais**. Instituto de Relações Internacionais, PUC-RIO. Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: https://www.puc-rio.br/ensinopesq/ccpg/pibic/relatorio_resumo2019/download/resumos/CCS/REL/IRI-4973-Natalia%20S%20Coelho.pdf. Acesso em: 25 de abril de 2022.

CLOUGH, P. A **Virada Afetiva: teorizando o social**. (Tradução por Lucas Faial Soneghet) Blog do Labemus, 2020. [publicado em 16 de julho de 2020]. Disponível em: <https://blogdolabemus.com/2020/07/16/a-virada-afetiva-teorizando-o-social-por-patricia-ticinetto-clough>. Acesso em: 25 de abril de 2022.

HAN, Byung Chul. **Sociedade do cansaço**. Tradução de Enio Giachini. 2ª Edição Ampliada. Petrópolis: Vozes, 2017.

IRI/PUC-RIO. **A Vida Psíquica da Política Internacional** | Mesa 3: Amor Capital. 28 de abril de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=N9MrYM15CwQ>. Acesso em: 25 de abril de 2022.

KINNVALL, C. MITZEN. J. **Anxiety, fear, and ontological security in world politics: thinking with and beyond Giddens**. International Theory. Cambridge University Press, 12(2), pp. 240–256. 2020.

KRENAK, A. **A vida não é útil**. Companhia das Letras, 2020.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Painel de casos de doença pelo coronavírus 2019 (Covid-19) no Brasil pelo Ministério da Saúde**. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em: 25 de abril de 2022.

PIN-FAT, V. ‘What’s love got to do with it?’ Ethics, emotions, and encounter in International Relations. **Review of International Studies**, 45: 2, p. 181–200, 2018.

PFATTHEICHER, S. et al. The Emotional Path to Action: Empathy Promotes Physical Distancing and Wearing of Face Masks During the Covid-19 Pandemic. **Psychological Science**, 31(11), p. 1363–1373. 2020.

SASLEY, B. Emotions in International Relations. **E-international relations**. 12 de junho de 2013. Disponível em <https://www.e-ir.info/2013/06/12/emotions-in-international-relations/>. Acesso em: 28 de abril de 2022.

SCHEP, D. TOMSIC, S. The Politics of Psychoanalysis: Samo Tomšič on The Capitalist Unconscious (Tradução por Moisés João Rech). **Zero a esquerda**, 2017. Disponível em: <https://zeroaesquerda.com.br/index.php/2021/04/15/entrevista-com-samo-tomsic-por-dennis-schep/>. Acesso em: 25 de abril de 2022.

TAJRA, A. Todos nós vamos morrer um dia: veja falas de Bolsonaro sobre o coronavírus. **UOL**. São Paulo, 1º maio de 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/05/01/todos-nos-vamos-morrer-um-dia-as-frases-de-bolsonaro-durante-a-pandemia.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 25 de abril de 2022.